

29-10-72

Nós e o mundo

MAURA DE SENNA PEREIRA

Um Currículo, Um Presidente

Por esta época, há onze anos, estava sendo realizado o que muitos chamaram de ponto alto das comemorações do centenário do Poeta Negro: o Currículo Cruz e Souza, promovido pelo Departamento Cultural do Centro Catarinense, que ainda organizou dois concursos e colaborou na grande exposição comemorativa da Biblioteca Nacional. Estes eventos levaram o então presidente do Centro Catarinense o advogado e ex-parlamentar Max Tavares d'Amaral (ele assinou a Constituição de 46), cujo desaparecimento em agosto último foi uma perda para Santa Catarina — a falar na tarde consagrada a Cruz e Souza pela Academia Brasileira de Letras. Tive a honra, na qualidade de diretora daquele Departamento, de assinar, juntamente com Max Tavares d'Amaral, o manifesto dirigido à colônia catarinense e ao quadro social, apresentando o programa das comemorações. Estas, após longo preparo, se iniciaram a 2 de outubro e se estenderam até 24 de novembro de 1961 a data do centenário, grande noite em que foram solenemente entregues prêmios e diplomas, engastada nas celebrações da semana dedicada à padroeira de Santa Catarina. Sempre com o auditório do Centro Catarinense superlotado e a presença de numerosos intelectuais de alto valor, que ainda hoje recordam a importante promoção, tal o lastro que a cultura deixa. Não quero nesta altura, esquecer alguém que sempre vi tomando notas, como qualquer discente, durante as memoráveis aulas-conferências: a esposa do grande presidente do Centro e do Currículo Isolde Hering d'Amaral dama catarinense de fina cultura e adorável modéstia. E, em recordando, lembrarei outras duas brilhantes amigas: a então universitária Helena Maria Cunha Pontes (hoje casada nos Estados Unidos), que secretariou, o Currículo, e a declamadora Marita Pinheiro Machado que o cobriu de flores e de símbolos. O jardim de Marita — palmas nas mesas, buquês nas jarras — também ostentava flores eternas: sonetos de Cruz e Souza, belamente manuscritos, em tocante homenagem ao gênio da terra catarinense, pelo eminente e agora saudoso pai da artista, Ministro Dulphe Pinheiro Machado. E era sempre monocolorido o jardim de Marita. Ora lembrando que "este caminho é cor-de-rosa" ora "de ouro". As vezes trazendo no azul das hortênsias a tonalidade violeta do próprio simbolismo. Quase sempre, porém, branco, todo branco as centenas de corolas alvas, os gladiolos alvos como açucenas — simbolizando todas as "brancuras do mundo" com que sonhou o Poeta Negro.

LIVRO & DATA

Tempo de felicitar Carlos Drummond de Andrade — que, na próxima terça-feira, completa pela segunda vez 35 anos — é também tempo de agradecer "O Poder Ultrajovem" seu último livro, lançado pela Livraria José Olympio Allás com referência a tudo o que escreve o grande poeta e cronista, o leitor não pode ter outro gesto senão mesmo o de agradecer. No livro referido, reunidas estão crônicas em prosa e verso que Drummond publicou recentemente. A maioria põe a gente lá fora. E cada uma delas ajudara o dia do leitor, que se viu tantas vezes interpretado e sempre galardoado com a página lúdica, o verso pareno, a estória, o diálogo e o comentário sabiamente colhidos no cotidiano. "O Poder Ultrajovem" significa, pela uma releitura em tempo de levar a Drummond as felicitações de agora e o agradecimento de sempre.

03-1015-2146
287

Kátia foi a décima

Das Escro



e afirada do Martinnelli

carregam-se de acolher as mulheres, para "curta-permanência" eventual ou como "ponto" certo para encontros. Para isso cobram taxas de acordo com o tipo de "cliente" e garantem a ausência da polícia usando a influência dos "chefões".

Foi num desses "E. O." que aconteceu mais um crime no começo de janeiro de 1968. Celina Francisco Gregório, foi encontrada ao lado do leito, no quarto do hotel, nua, estrangulada e com um tiro na cara. As investigações esclareceram que ela fora assassinada por um dos muitos rufiões que circulam pela "Boca do Lixo". O crime de Celina: não pagou no dia certo a "taxa de proteção". Por isso foi "justiçada", as cinco horas da madrugada,

malmente sem ter problemas. Vida boa, na medida do possível, vestidos caros, um bom apartamento. Mas um dia apaixonou-se por um cliente e pensou em passar a viver com ele. Quando o primeiro soube do caso" marcou um encontro" para fazer a reconciliação. Uma companhia de Maria estava com ela e com a filha, criança de sete anos, quando ele entrou e acerrou a ex-companheira com 12 pontacos de estilha no peito. Foi uma cena rápida, a outra não teve nem tempo de gritar. Pensou que se gritasse teria o mesmo fim. Só muito depois de iniciadas as investigações convencionadas das promessas de segurança policial oferecidas pelo delegado encarregado do inquérito, é que ela decidiu a dizer o nome do assassino.

MATARAM DUAS EM TRÊS MESES

No período compreendido entre os dias 8 de agosto de 1968 e 13 de novembro do mesmo ano, mais duas mulheres foram assassinadas. A primeira, Nelde Carraro Januário foi sequestrada durante o "serviço" em um lupanar da rua dos Protestantes. O assassino foi com ela para o quarto e terminou por retalhá-la à ponta de faca, deixando no local algumas

JUIZ DE DIREITO DA 3ª VARA DE ORFÃOS E SUCESSÕES

EDITAL de arrendamento de apartamento número 201, da Praia do Flamengo, 116, pertencente à interita Stefania Plaskowicka In Nodari, na forma abaixo:

O Dr. José Erasmo do Couto, Juiz de Direito da 3ª Vara de Orfãos e Sucessões, nesta cidade do Rio de Janeiro, Estado do Guanabara.

FAZ SABER a quantos o presente edital virem em 06/08/68